CINEMA

Frida e o *cinema calado* de Paul Leduc

Enquanto o mercado não acorda Mostra Mexicana recebe sem legendas um dos melhores filmes do cinema hispano-americano

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Chegou o momento dos cinéfilos brasilienses repararem falha gravíssima: o desprezo a *Frida — Natureza viva*, um dos melhores filmes da história do cinema hispano-americano. Em 1985, no dia 28 de outubro, um grupo de brasilienses em parceria com a Embaixada do México promoveu, no Cine Brasília, sessão especial de *Frida*, com renda revertida para as vítimas do terremoto que, semanas antes, abalara o México. Só que, na platéia, havia pouco mais de 20 pessoas.

Amanhã, em sessão nobre às 20h30, o Cine Brasília abre, mais uma vez, suas portas ao quarto longa-metragem de Paul Leduc, um mexicano de 47 anos, que estudou cinema em Paris, e constituiu-se num dos mais ativos defensores da produção artística da América Latina. *Frida — Natureza Viva* dividiu o Grande Coral Negro (prêmio máximo do Festival de Havana) com *Tangos, o Exílio de Gardel*, do argentino Fernando Solanas. No júri, o brasileiro Joaquim Pedro de Andrade, que encantou-se com os dois filmes. Alguns meses depois, foi escolhido como o melhor filme do Festival de Montevidéo.

Há cinco anos que distribuidores brasileiros (entre eles Ney Sroulevich e Zelito Viana) prometem lançar *Frida* no mercado comercial brasileiro. Inexplicavelmente, ele continua no Brasil, como atração de mostras especiais, e por isso é exibido sem legendas em português. Mesmo que tal fato não prejudique sua fruição pois, nele, as imagens realmente falam mais forte. Leduc é um cultor do cinema calado. Menos da metade de *Natureza Viva* compõe-se de seqüências dialogadas.

Pode ser que agora, depois da excelente receptividade que o filme vem obtendo nesta mostra promovida pela Embaixada do México, o medíocre mercado brasileiro acorde para este biscoito fino produzido — apesar dos pesares — nesta Latino América.

Há, ainda, novos motivos. A pintura Frida Kahlo, tema central do filme, vem sendo redescoberta pelo mundo — e de quebra, pelo Brasil. Em janeiro de 88, chegou ao mercado brasileiro livro editado pela Martins Fontes e escrito pela jornalista Rauda Jamis. Em 280 páginas, Rauda narra a história de Frida Kahlo, nascida em 1907, de pai alemão e mãe mexicana. Daí em diante, até sua morte em 1954, ela acumulou atitudes excêntricas, pinturas intrigantes, amores hetero e homossexuais, militância no Partido Comunista Mexicano e muito sofrimento (dela advindo).

Em maio último, o mercado de artes pagou por seu quadro *Diego y Yo* preço recorde. O maior já pago, até hoje, por uma peça latino-americana. O valor, há que se registrar, corresponde ao dobro do que, normalmente, se paga por um quadro de Rivera, o grande muralista mexicano. Ele foi, por duas vezes, marido de Frida (casaram-se em 1929, quando ela tinha 22 anos e ele 43. Divorciaram. Depois, casaram-se de novo).

O filme tem duas sessões programadas pela Embaixada do México: a primeira, amanhã, no Cine Brasília, e a segunda, no domingo, dia 22, na Cultura Inglesa. O filme vai abrir e fechar a mostra *Filmes Mexicanos dos Anos 80*.

Cinema Calado — Paul Leduc não poderia ter escolhido melhor personagem para seu quarto longa-metragem. Antes, realizou vários curtas-metragens, até estrear no filme de longa duração com *Reed, México Insurgente* (1972). Este filme, por suas qualidades e temática (a Revolução Mexicana vista pelo jornalista norte-americano John Reed, o mesmo que testemunhou a Revolução Bolchevique, documentada no livro *Os Dez Dias que Abalaram o Mundo*) teve exibição comercial no Brasil. Os seguintes caíram no limbo: *Etnocídio (Notas sobre el Mezquital)*, *Historias Prohibidas de Pulgarcito* (81) e *A Cabeça da Hidra* (baseado em novela de Carlos Fuentes, 83). Veio *Frida*, que se consagrou em festivais europeus, Havana e Montevidéo. Daí, Leduc planejou realizar *Sensation Bar*, um filme sem diálogos, baseado em romance *En Un Abrir y Cerrar de Ojos*, do haitiano Jacques Stephen Alexis. Com este filme, ele pretendia levar ao paroxismo sua paixão pelo *Cinema Calado*. O projeto frustrou-se. Leduc escolheu, então, um romance do cubano Alejo Carpentier para tema de seu sexto longa — *Barroco*.

Leduc conseguiu, como poucos, compor uma história densa — a trajetória de Frida Kahlo dos anos 20 aos anos 50 — com tratamento elaborado, presente na qualidade dos diálogos, nos magníficos cenários, na poética fotografia e no desempenho dos atores. Ofélia Medina, que vive Frida, foi premiada como "melhor atriz" no Festival de Havana e entrou para a galeria dos grandes desempenhos do cinema latino-americano.

A relação do cineasta com a palavra é fundamental na garantia da qualidade de *Frida*. Vejam o que ele pensa sobre o assunto: "A palavra está desvalorizada em boa medida pela Esquerda e pela Direita. No México, a palavra revolução perdeu sua real carga semântica. O Partido Nacional Revolucionário (PNR), que nasceu da Revolução de 1910, institucionalizou-se e, hoje, chama-se, contraditoriamente, Partido Revolucionário Institucional (PRI)". Este fenômeno (da banalização das palavras), lamenta Leduc, "desgraçadamente, espalha-se pelo mundo. Até a Esquerda, embora não na mesma medida da Direita, tem contribuído pra desgastar as palavras. Por isso, entendo que para nos dirigir ao público, temos que buscar novos métodos, soluções criativas".

De 1938, por Frida Kahlo, Recuerdos de la herida abierta: criação, militância e sofrimento

A pintura surrealista do Partido Comunista

Magdalena Carmem Frida Kahlo ocupou o espaço no mundo mais por sua vida pessoal — foi mulher do muralista mexicano Diego Rivera e amante de Leon Trotsky, o "Profeta Desarmado" — que por sua atividade como pintora. Mesmo que seus quadros surrealistas tenham merecido elogios de Picasso, André Breton e Max Ernst.

Filha de um fotógrafo alemão, Guillermo Kahlo, com uma jovem mexicana, Matilde Calderón, ela conheceu a dor desde a infância, quando uma poliomielite atacou-lhe a perna direita. Aos 15 anos, foi estudar na Escola Preparatória Nacional, um núcleo onde política e arte conviviam de braços dados. Vale lembrar que o México vivia o tempo de Rivera, Siqueiros e Orozco, os engajados muralistas que contaram, com ótica revolucionária, a história do país.

Aos 18 anos, uma nova tragédia: Frida passeava de ônibus com o namorado Alejandro Gomes Arias, quando num trágico acidente, quebrou algumas vértebras e teve sua bacia atravessada por uma barra de ferro. Frida passou grande parte dos seus 47 anos em cima de camas em sua bela residência ou em hospitais. Outros tantos, numa cadeira de rodas. Foi submetida a 14 cirurgias e teve a perna amputada. Nunca porém deixou de pintar, nem de militar no PC mexicano. Expôs em Paris e Nova Iorque. Os surrealistas franceses a receberam como um deles.

Aos 22 anos, Frida escolheu para seu marido o célebre Diego María de La Concepción Juan Nepomuceno Estanislao de La Rivera y Barrientos Acosta Y Rodríguez, ou simplesmente Diego Rivera. Ele tinha o dobro da idade dela. Juntos viveram uma história conturbada — muitas brigas, crises, momentos de paixão, um divórcio seguido de renovação do casamento e muitas traições. Diz-se que Rivera fazia vistas grossas para os casos amorosos da mulher desde que a parceira fosse do sexo feminino (Paul Leduc aborda a bissexualidade da pintora com extrema sensibilidade). Se, porém, Frida optasse — como optou diversas vezes — por pares masculinos, a ira do pintor aflorava. Quando ela escolheu o obeso Rivera para seu marido, seus familiares classificaram a união como "o matrimônio de uma pomba com um elefante".

O affair da pintora com Leon Trotsky constitui outro grande momento do filme de Leduc. Quando *Natureza Viva* concorreu ao Grande Coral Negro, no Festival de Havana, muitos participantes — inclusive Paul Leduc — imaginaram que o filme causaria constrangimento político por ter Trotsky como um de seus personagens mesmo que Stalin tenha sido, depois, um dos ídolos da pintura, ao ponto dela enfeitar sua cama de dossel — usada para levá-la ao Palácio de Belas Artes onde em 1953, foi motivo de completa mostra retrospectiva com fotos dele e de Malenkov, dois bolcheviques, e do amado Diego Rivera.

Ao morrer, em 1954, Frida teve um enterro à altura. Seu corpo foi velado no Instituto Nacional de Belas Artes do México, sendo o caixão coberto por Rivera, com uma bandeira do Partido Comunista Mexicano. No filme de Paul Leduc, esta cena comove. Até porque Rivera pega o pavilhão e sai, deixando muitos expectadores desconcertados. O que é óbvio, pois o cineasta fez um filme sobre artistas contraditórios, apaixonados, habitantes de um país maravilhosamente tumultuado. Um país chamado México. Um país que abrigou Buñuel e foi a matriz de um dos mais conhecidos poemas de Serguei Eisenstein — o documentário *Que Viva México!* (MRC).

PROGRAMAÇÃO:

Frida — Natureza Viva é apenas uma das atrações de um mês brasiliense totalmente dedicado à difusão da cultura mexicana. Tudo começou com uma exposição do artista Sergio Lopez Orozco, na Casa da América Latina. Ao cerrar as portas, a mostra de Orozco deu vez a uma outra exposição — *Fotografias do México* — que reúne 54 fotografias de Juan Rulfo, o criador de *Pedro Páramo* e *O Planalto em Chamas*, e 47 de Manuel Alvarez Bravo. Esta mostra permanece aberta à visitação pública no Foyer da Sala Martins Penna do Teatro Nacional, até o próximo dia 31. — *Filmes Mexicanos dos anos 80* — A mostra de cinema terá sua abertura no Cine Brasília e, depois, migrará para a Cultura Inglesa. Veja a programação completa.

Amanhã
Frida, Natureza Viva, de Paul Leduc (Cine Brasília, 20h30)

Terça-feira
Mariana, Mariana, de Alberto Isaac (Cultura Inglesa, 20h00)

Quarta
Días Difíciles, de A. Pelayo

Quinta
El Secreto de Romelia, de Busi Cortes

Sexta
Esperanza, de Sergio Olhovich

Sábado
El Imperio de la Fortuna, de Arturo Ripstein (com argumento de Juan Rulfo)

Domingo
Frida — Natureza Viva, de Paul Leduc
☐ Os filmes serão exibidos em versões originais, com entrada franca.

Venda Especial

RALPH LAUREN TEM O PRAZER DE ANUNCIAR AOS SEUS CLIENTES UMA EXCEPCIONAL VENDA DA NOVA COLEÇÃO DE INVERNO EM 3 VEZES SEM JUROS PELO PREÇO À VISTA. A NOSSA PERFEIÇÃO E QUALIDADE NÃO CUSTAM MAIS. VENHA CONFERIR.

POLO RALPH LAUREN

ParkShopping

CURTO CIRCUITO

Dulcina fala

Em nossa capa de hoje o espaço é de Dulcina de Moraes e a campanha nacional para a revitalização de sua obra e sua referência fundamental para a formação ator brasileiro. Selecionamos algumas falas da atriz: "Eu coleciono emoções". "Nasci no teatro. As madeiras, tornei-as (quando estudar papéis, ao saber das excursões de seus pais, aqui e ali, onde fui educada". "Eu amo Brasília. Amo. Eu me sinto livre aqui". "Eu sou, sempre fui, serei até o último momento, uma mulher de teatro. O teatro é a minha casa. O meu habitat. O meu (neighbor). Ensinar teatro é estar no teatro. Estou contribuindo, como tantas outras pessoas, para distribuindo, contribuindo, a noção de responsabilidade do teatro. O prazer do teatro... É isso o que eu estou tentando comunicar a essa juventude. E esta cidade, mais do que qualquer outra, precisa de alguém que tenha essa preocupação. Aqui tudo está sendo feito. Eles vão continuar fazendo depois de mim". "Antigamente não era como agora. Nem poderia ser. Nós trabalhávamos muito. Muito mesmo. E ninguém pensava que ia ficar milionário com teatro. Eu nunca pensei. Nem o Odilon. Ou então usar o palco como trampolim para a fama. A fama pela fama. Não, não, não. Nem pra riquezas, nem por causa da fama". "Teatro. Teatro sempre em primeiro lugar... Pra uma atriz é essencial saber ouvir. Eu aprendi isso bem cedo, observando como Procópio ouvia. Ouvir. Não adianta nada ficar parado em cena apenas esperando a deixa pra começar a falar de volta. Eu fico aflita quando percebo atores que não sabem ouvir. Que nem estão ouvindo. É como se eles nem estivessem em cena". Eu não dou aula para formar atores. É para muito mais do que apenas isso. É para criar a mentalidade da dignidade da nossa arte. Isso é importantíssimo. Criar a mentalidade da dignidade da nossa arte".

Reprise

— Muitos cinéfilos estão, pelos cantos, lamentando a perda de oportunidade de ver três belos filmes exibidos, rapidamente, pelo circuito alternativo: *Crônicas dos Anos de Brasa*, do argelino Mohamed Lakdar; *Marlene*, do alemão Maximilian Schell, e *Fagindo da Morte*, do norueguês Nils Gaup. Tomara que as embaixadas da Argélia, Alemanha e Noruega se disponham a reapresentar estes filmes — se possível, agregados a outros títulos — para que o brasiliense saiba que excelentes filmes são produzidos fora da hegemônica indústria norte-americana.

Vida de cão

Revista Cães & Cia, uma publicação da Fieth Editora e Promoções que iniciou sua trajetória há 12 anos com circulação voltada ao público adulto e masculino, está com novo visual e nova linha editorial. Essa reformulação gráfica e editorial resulta de uma pesquisa que identificou o perfil do seu público-alvo: crianças e donas de casa. A edição nº 134, que está nas bancas de cara nova, traz na capa um filhote de cão Shar-Pei — o mais exótico e raro do mundo — originário do sul da China, cuja principal característica é a sua pele enrugada, formando rugas abundantes e, no destaque, um gato da raça Devon Rex, que inspirou Steven Spielberg na criação do extraterrestre ET, sendo conhecido como "o primo do ET".

Crianças e donas de casa encontrarão nas 32 páginas da publicação, informações e curiosidades sobre animais de estimação, cunho sentimental para cruzamentos, reportagens sobre as diferentes raças e animais, como gatos, aves, peixes e pássaros, destaques com animais que venceram concursos e competições, novidades veterinárias, cotação de raças, classificados, dicas de cuidados na criação com opiniões de especialistas e uma reportagem especial sobre o Ranking 89 — Top Cães Brasil, um dos mais importantes eventos da cinofilia brasileira.

O Grande Otelo

A coordenação do Festival de Gramado já escolheu a personalidade cinematográfica que fará jus ao Prêmio Oscarito, criado este ano e que terá sua distribuição assegurada em todas as próximas edições do evento gaúcho: ele é Grande Otelo. Sebastião Prata foi o que o ator foi escolhido com votos unânimes, a parte mais significativa de sua carreira desenvolveu-se em parceria com Oscarito, nas chanchadas da Atlântida. Prêmio será entregue a Otelo, que se restabelece de grave problema de saúde, por Margot Louro, viúva de Oscarito. O prêmio é uma promoção da Fundação Banco do Brasil, que vale um clone de Oscarito na divulgação do Cartão Ouro.